

## **Escrita como arma de combate pela memória. As imagens de si nos escritos autobiográficos de José Vasconcelos**

ROMILDA COSTA MOTTA\*

O desafio para historiadores que se interessam pelas “escritas de si” ainda é complexo pelo fato de existirem poucos estudos voltados a uma reflexão mais aprofundada, com procedimentos teóricos e metodológicos que enriqueçam a análise de tais fontes que envolvem o debate das relações entre história e memória. Entre aqueles que optam pelas fontes “auto-referenciais” há o consenso em considerá-las práticas culturais que se caracterizam pela busca do indivíduo em construir ou reafirmar uma identidade para si, por meio de seus documentos. Ao longo da história, as estratégias foram diversas e aqueles que tinham maior visibilidade foram os que mais se aproveitaram da oportunidade de não deixar sua existência cair no esquecimento, utilizando a literatura como recurso.

Aliado ao desejo daquele que escreve o gênero autobiográfico de manter as suas lembranças vivas para si e para os outros, existe, por parte do público leitor do gênero, o desejo de conhecer minúcias da vida de personagens públicos ou comuns. Essa combinação permitiu que as “escritas de si” (cartas, diários, autobiografias, memórias...) permanecessem presentes, apesar da desconfiança por parte da crítica literária e também de historiadores, levando-os a não continuar ignorando o gênero e voltando a debatê-lo.

Conforme salienta Gomes, o interesse pela escrita (auto) biográfica pode ser sentido mais nitidamente a partir de transformações ocorridas no campo historiográfico que passaram a incorporar novos objetos, fontes, metodologias e renovações teóricas, abandonando ortodoxias e aceitando a pluralidade de escolhas e diversidade de abordagens no “fazer história” (GOMES, 1998:122). Essas transformações estão ligadas à renovação da história política e ao florescimento da história cultural, que tem resultado na diluição de fronteiras rígidas entre o social, o político e a cultura. A história cultural se propôs a “repensar a oposição entre coletivo e individual, entre o qualitativo e o quantitativo, assumindo um enfoque que trabalha com ambos os termos, mas que,

---

\* Doutoranda do Programa de Pós Graduação da Universidade de São Paulo. O presente trabalho refere-se às conclusões do meu mestrado, defendido em abril de 2010, realizado sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lígia Coelho Prado e com o apoio financeiro da CAPES.

em função da reação que representa, inova, ao postular a dignidade teórica do individual e a fecundidade metodológica do quantitativo (GOMES, 1998:123). Trata-se de um campo que apresenta limites, especialmente pelo risco de se cair em “subjetivismos”, mas que também oferece alternativas e oportunidades para novas abordagens.

Neste artigo analiso as *Memórias* do intelectual mexicano José Vasconcelos, (1882-1959), personagem que teve importante atuação na política e cultura do México, durante o período pós-revolucionário. Foi Ministro da Educação, quando formulou relevantes projetos políticos para a educação e cultura. Concorreu à presidência da República no ano de 1929, tendo sido derrotado. Escritor e polemista, deixou cinco tomos de suas *Memórias*. Nossa pesquisa buscou analisar os argumentos criados pelo autor para construir imagens de si, verificando qual seu projeto de memória e suas perspectivas, na construção voluntária do “eu”.

Muitos são os temas e personagens apresentados por José Vasconcelos ao longo de 2521 páginas do conjunto memorialístico:<sup>1</sup> vida pessoal, intelectual, política, acontecimentos da história nacional, temas filosóficos, sociológicos, entre outros.<sup>2</sup> Os quatro principais volumes são *Ulises Criollo* (1935), *La tormenta* (1936), *El desastre* (1938) e *El proconsulado* (1939).<sup>3</sup> *La Flama*, considerado o último tomo de suas *Memórias*, foi escrito posteriormente e publicado em 1959, ano da morte de José Vasconcelos. O autor-personagem faz uso de recurso usual da escrita autobiográfica: utilizando-se de suas lembranças, organiza os fatos que considera representativos de sua vida, buscando dar unidade e linearidade à sua trajetória.

---

<sup>1</sup> Nessa contagem, incluímos os quatro volumes principais, escritos na década de 1930 e *La Flama*, escrito, posteriormente, na década de 1950 e publicado após a sua morte.

<sup>2</sup> Muitos argumentos ou mesmo trechos parafraseados de outras obras de sua autoria são incorporados às *Memórias*.

<sup>3</sup> *Ulises Criollo* foi publicado por várias editoras ao longo da história. Primeiramente pela Editora Botas e, a partir de 1958, pela Editora Jus, que produziu a primeira edição expurgada, a pedido do próprio Vasconcelos. Em 1979, pela editora Promexa, na coleção *Clasicos de la literatura mexicana*. Em 1982, a editora Fondo de Cultura Económica organizou os quatro principais volumes do conjunto memorialístico de Vasconcelos, em dois grandes tomos, sob o título de *Memórias I* e *Memórias II*. A primeira reimpressão ocorreu no ano seguinte. Em 1998, foi produzida a última edição pela *Editorial Trilla*. No ano 2000, o historiador francês Claude Fell organizou a edição crítica de *Ulises Criollo*, fazendo o cotejamento dos manuscritos com as edições de *Botas*, *Jus* e a do *Fondo de Cultura Económica*. Nesta edição, Fell incluiu diversos artigos de historiadores e críticos literários do México, Argentina e França que tiveram interesse pela obra de Vasconcelos. No presente artigo, faremos a citação utilizando apenas as iniciais UC, LT, ED e EP e LF.

Concentraremos-nos na análise desenvolvida em torno de duas das principais imagens construídas por Vasconcelos em seus tomos memorialísticos para cristalizar sua identidade perante seus leitores: o “herói civilizador” e o “profeta rejeitado”. As representações criadas fazem referência a duas experiências que foram apresentadas como significativas ou singulares em sua ação política: sua atuação como Ministro da Educação e a derrota na campanha presidencial de 1929. Em torno das recordações ligadas a esses dois fatos, Vasconcelos reordenou, estruturou e reconstituiu o seu passado, entendendo que estes fatos representavam o que havia de mais importante para falar de si.

### **A reencarnação de Quetzalcóatl, o deus civilizador**

Uma das principais imagens de si construídas por Vasconcelos é aquela que o liga à lenda do deus civilizador asteca Quetzalcóatl, figura importante na história, desde os toltecas. Defendemos que o autobiógrafo considerou ser esta uma estratégia eficiente para compor sua imagem como a figura de um grande realizador, na cultura mexicana. As lembranças narradas para compor essa imagem se iniciam em 1920, quando Vasconcelos assumiu a reitoria da Universidade Nacional do México e começou o seu empenho para que o Governo Federal passasse a coordenar a educação naquele país. Concentram-se especialmente entre os anos de 1921, quando atuou como ministro e desenvolveu um projeto cultural sem precedentes na história mexicana, e vão até 1924, quando deixou a SEP (Secretaria de Educação Pública).

Em sua autobiografia, Vasconcelos conseguiu mesclar elementos típicos de uma biografia histórica, lapidando sua imagem como homem público, mas, especialmente, incluiu também elementos da biografia literária, permitindo que seu temperamento, virtudes, vícios e situações anedóticas fossem incorporados, indo além de uma “máscara conveniente” (LEVILLAIN, 2003: 152).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> A expressão é de Philippe Levillain. Esse autor cita a obra *Aspects de la biographie*, publicada em 1928 por André Maurois, onde o autor, de formação positivista, demarcou que a distinção entre as biografias histórica e literária seria o fato de a primeira ser consagrada a um protagonista da história, seguir regras rigorosas que demonstravam preocupação com a “verdade” documental; enquanto a segunda seria consagrada a um escritor, incluindo elementos de fantasia, sem postular a “expressão de verdade”. A distinção incluía também a quantidade, o tipo de fatos que convinha ser narrado, o estilo empregado. In: RÉMOND, René (org.).

Se, em *Ulises Criollo* e *La tormenta*, o memorialista não demonstrou pudores em descrever inúmeros encontros íntimos ardentes, resultado de relações extraconjugais, a partir de *El desastre*, trabalhou firmemente em prol de sua auto modelagem, estabelecendo uma separação nítida entre seu comportamento ligado à vida pessoal e outro, como administrador público. Não apenas silenciou-se em relação ao tema de alcova como buscou construir a imagem de uma figura pública que se dedicou inteiramente à SEP, sua “amada exclusiva” (ED: 79), cumprindo diariamente o seu dever, em detrimento do prazer.

Ao longo de muitos capítulos de *El desastre*, Vasconcelos descreveu a sua “aventura de regenerar um povo pela escola.” Narrou ainda seu empenho em construir, reformar e elaborar estratégias que pudessem difundir e democratizar a cultura no México, apresentando a organização do Ministério e sua permanência à frente da Secretaria como sendo de “tempos de simpatias e entusiasmo pela cultura” (ED: 12, 54, 55). O clima de otimismo e sede de heroísmo, que atingiu também a intelectualidade mexicana na década de 1920, deve ser interpretado dentro dessa perspectiva, que envolvia o sentimento de responsabilidade por parte de uma minoria seleta de “guiar os espíritos”, anunciar, “elevar” e “redimir” as massas tanto materialmente como culturalmente.

Outra lembrança que Vasconcelos selecionou, refere-se ao desafio enfrentado de formar a equipe de profissionais que o assessorou enquanto ocupou o cargo de Ministro da Educação Pública. Por afirmar insistentemente que “sempre sobra boa gente quando o que manda sabe buscá-la e a utiliza com honra” e que a “corrupção não vem do ambiente e, sim, do mau governante”, o memorialista elaborou um modelo de probidade administrativa, atribuindo a si capacidades moral, intelectual e administrativa para as escolhas e ações.

Ao buscar esculpir sua imagem por meio da sua construção autobiográfica, é visível a alteridade construída em relação aos políticos que ocuparam e ocupavam o poder até o momento em que escrevia. Afirmou que cumpria uma rotina que fora marcada por uma disciplina “quase monástica”, segundo ele, indispensável a todo político, escritor e profissional: trabalhava das sete da manhã às sete da noite, exigindo

pontualidade daqueles que estavam sob sua autoridade, não tendo tempo para compromissos sociais, festividades, recepções diplomáticas e banquetes (ED: 73).

Vasconcelos procurou descrever sua atuação como o que entendia ser um modelo de “ação técnica ilustrada”.<sup>5</sup> Assim, dedicou muitos capítulos num tema que possivelmente acreditava ser um de seus maiores trunfos para fazer de sua memória um monumento - os três grandes departamentos da SEP: o Departamento Escolar, Bibliotecas e Belas Artes. <sup>6</sup> Segundo o autobiógrafo, um programa “simples, mas coerente e completo” (ED: 45).

Levar a educação básica até os rincões do México era um dos grandes desafios. Sobre as ações empreendidas, Vasconcelos sublinhou sua intenção ambiciosa de formar equipes de professores e artistas que pudessem oferecer às comunidades rurais uma formação mais completa, inspirando a população mais carente para o gosto da beleza, “único caminho que resta ao laico para aproximar-se das coisas de Deus”, <sup>7</sup> e outras mais que incitassem à ação social e ao trabalho na “empresa patriótica” (ED: 93 e 125). Apontando números, não se esqueceu de afirmar que os “professores missionários” eram os mais bem pagos da SEP. <sup>8</sup>

Na descrição de suas lembranças, ressaltou que, em “tempos de falta de livros e prédios” (LF: 151), que caracterizou o período pós-armado da Revolução, também conseguiu imprimir a sua marca. Demarcou sua passagem pela SEP como um divisor de águas, numa etapa construtiva para o México. Relembrou ainda a importância que teve outro departamento auxiliar, o de Construções Escolares, que tinha o objetivo de adaptar

---

<sup>5</sup> Por “ação técnica ilustrada”, afirmava ser a prática de governar, procurando compor um quadro de profissionais qualificados para as funções, que fugisse de improvisações e favoritismos praticados até então.

<sup>6</sup> Não é nosso propósito fazer uma descrição detalhada do projeto cultural de Vasconcelos. Tal tarefa foi muito bem desempenhada pelo historiador francês Claude Fell. Limitar-nos-emos a analisar aquilo que Vasconcelos considerou relevante ponderar. Especialmente em relação a algumas polêmicas geradas, ligadas ao momento em que atuou como Ministro. Sobre a análise do projeto cultural de Vasconcelos, realizado de forma comparada ao de Monteiro Lobato, ver: CRESPO, Regina Aída. *Itinerarios culturales... Op. cit.*

<sup>7</sup> A missão da escola primária moderna deveria, segundo a proposta do projeto cultural, não apenas ensinar a ler, escrever e contar, mas ensinar a fazer isso “bem”. O professor também deveria trabalhar para que o aluno desenvolvesse simpatia pelo “bom”, pelo “útil” e pelo “belo”.

<sup>8</sup> Além da presença de intelectuais mexicanos no projeto, Vasconcelos conseguiu o envolvimento de nomes importantes de outros países da América Latina: o dominicano Pedro Henríquez Ureña, fazendo conferências de literatura espanhola; a poetisa chilena Gabriela Mistral, e o peruano Haya de la Torre, na época, exilado político, que trabalhou na tradução dos clássicos.

velhos edifícios e construir novos locais para dar lugar, tanto à educação quanto à difusão da cultura. Nas páginas de seus relatos, salientou sua relevância recordando as inúmeras inaugurações de escolas e bibliotecas: “Nunca fiz uma viagem que não tivesse por objetivo inaugurar uma escola já construída, reformar uma já pronta. (...) Por onde íamos fazia-se patente o fruto de dois ou três anos de trabalho sincero.” (ED:136)

O memorialista não se esqueceu, também, de ressaltar o seu papel, não apenas como alguém que se empenhou em levantar obras, mas que foi além, ao implantar, no México, um estilo que se converteu em “doutrina arquitetônica” do Governo pós-revolucionário, apresentado como “nacional”: o “neocolonial”, estilo que pretendia fazer a síntese de elementos artísticos pré-hispânicos e coloniais (DE ANDA ALANIS, 1990: 69,70).<sup>9</sup> Nos escritos, Vasconcelos não fez referência direta a Manuel Gamio, mas somos levados a crer que ele esteve atento à orientação daquele *mestiçófilo* que alertava para a necessidade de uma “arte nacional” – que em sua concepção, deveria ser “mestiça” - como instrumento eficiente para integrar a Nação.

Entre nostalgias e o desejo de lapidar sua imagem, apresentou como “períodos destruidores”, tanto os anos armados da Revolução, anteriores à sua atuação, que colocaram abaixo grandes obras que via como símbolos da beleza arquitetônica do período colonial, como também emitiu seus juízos negativos em relação ao novo estilo, que se impôs após a sua saída, definindo-o como um “miserável estilo utilitário, mesquinho e feio” (ED: 177).

Como temos procurado mostrar, além de reforçar o que entendia que não merecia ser esquecido, Vasconcelos utilizou seus escritos como uma oportunidade para se defender de alguns ataques que envolviam algumas de suas escolhas no projeto cultural. Dando continuidade às lembranças sobre suas ações políticas, fez questão de dedicar um capítulo para falar de outro Departamento da Secretaria: o de Bibliotecas. Tinha consciência do quanto algumas questões ligadas ao mesmo haviam lhe dado notoriedade, mas também gerado críticas e polêmicas. A partir da apresentação dos

---

<sup>9</sup> O propósito de enaltecer e oficializar o estilo neocolonial como a “arquitetura propriamente mexicana”, foi amadurecido por Vasconcelos quando visitou o Pavilhão do México, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, por ocasião das comemorações de nossa Independência. O prédio que representou o México foi idealizado por dois jovens arquitetos: Carlos Obregón Santacilia e Carlos Traditi. Vasconcelos fez de Obregón Santacilia o responsável pela elaboração e reformulação de boa parte das obras realizadas durante sua gestão na SEP. Entre construções e adaptações, este autor lista 16 obras, entre elas, A Biblioteca Cervantes, o Centro Escolar Morelos, o Estádio Nacional, o Instituto Técnico Industrial, a Escola Gabriela Mistral, o Centro Escolar Benito Juárez, entre outras.

desafios, respondeu a seus críticos, justificando a escolha de traduzir, editar e distribuir os “Clássicos da literatura”. Vasconcelos apresentou as críticas como resultado de um “escândalo perverso de “jornalistas malvados”, “intelectuaizinhos despachados” e a “porção idiota do povo” que classificou como “ineficácia e disparate editar clássicos para um povo que não sabia ler” (ED: 47).<sup>10</sup> Dirigiu uma pergunta direta aos leitores: “Há, no mundo, pessoa ilustrada que negue que o melhor começo de toda leitura culta está nos Clássicos da Humanidade?”(ED: 46)

Fazendo uso do ataque como estratégia eficiente para se defender de acusações que considerava injustas, ao longo de vários capítulos, procurou elaborar uma memória que o ajudasse na tarefa de impedir que os mexicanos esquecessem o papel que ele acreditava ter desempenhado como grande civilizador, trabalhando em prol do acesso democrático à cultura no México. É visível a sua preocupação em deixar seus leitores inteirados de sua versão dos fatos, para que o julgassem. Ressaltou sua “ação criadora”, em oposição à atuação dos governos “ignorantes e militaróides”, que nada faziam para evitar o saque da maior parte dos tesouros nacionais mexicanos.

Na busca pela identificação de sua imagem como a de um Quetzalcóatl moderno, que trabalhou arduamente pela cultura, Vasconcelos lembrou a importância que teve, também, o Departamento de Belas Artes. Enalteceu a importância, a grandiosidade, a beleza e o objetivo do projeto que abarcou diversas áreas com música, desenho, pintura, arquitetura e outras manifestações, por meio de centros de criação e difusão. Um dos grandes méritos daquele projeto cultural foi o fato de indígenas, operários e camponeses terem tido oportunidade de um contato maior com as artes, não apenas de forma passiva, mas, principalmente, como sujeitos históricos que, além de fazer parte da temática, também tiveram condições de manifestar a sua criatividade.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Os críticos de Vasconcelos enfatizaram muito a edição e distribuição dos “Clássicos” a uma população que não sabia ler. Entretanto é necessário ressaltar que o Departamento de Bibliotecas não ficou restrito a edição dos Clássicos da literatura. Em *Indologia*, Vasconcelos escreveu que adquiriram dos Estados Unidos uma relação de livros indicados para compor uma biblioteca, composta das seguintes obras e autores: *Iliada e Odisseia*; Ésquilo e Eurípedes; três tomos de Platão; *Os Evangelhos*; dois tomos de Plutarco; a *Divina Comédia*; *Fausto*, de Goethe; *Seleções Fundamentais*, do indiano Rabindranath Tagore; *As vidas*, de Romain Rolland; Plotino; uma *Antologia ibero-americana*; um tomo do dramaturgo e poeta espanhol Lope de Vega; uma coleção de contos infantis, em dois volumes. Também foram produzidos 50 mil exemplares de *História de México*, de Justo Sierra, 20 mil de *História Universal, Leitura para mulheres*, de Gabriela Mistral, livros técnicos, sobre higiene, cartilhas e obras científicas de autores locais.

<sup>11</sup> Nas aulas de desenho, por exemplo, os artistas deveriam ensinar os sete elementos básicos, permitindo

Imaginava-se que, favorecendo as manifestações e também possibilitando ao povo ver-se retratado, seria mais fácil fazê-lo sentir-se mais integrado à nação (DE ANDA ALANIS, 1990: 67).<sup>12</sup>

No entanto, é interessante notar que ao escrever suas *Memórias*, Vasconcelos fez questão de distanciar-se ou minimizar a atuação de algumas figuras que mais se destacaram durante seu empreendimento cultural. A lacuna é perceptível a qualquer leitor que conheça minimamente o muralismo mexicano em sua fase de maior apelo popular – a década de 1920, tendo Vasconcelos como o maior promotor das artes - quando a arte ultrapassou a academia e chegou às paredes de instituições públicas do México. Estamos falando da falta de referências aos “Três Grandes”, Rivera, Orozco e Siqueiros, que iniciaram suas atividades como “muralistas”.<sup>13</sup>

Ao enaltecer as realizações e nomes ligados ao Departamento de Belas Artes, o autobiógrafo fez referências a nomes de artistas que atuaram como maestros, diretores de orquestras, criadores de orfeões, incluindo, também, o corpo de bailes folclóricos, ressaltando que eram figuras que estiveram envolvidas em “elevar o nível espiritual dos homens”. Questionamo-nos se a pouca importância que deu nas *Memórias* às manifestações artísticas populares e a ênfase ao “povo” como protagonista de muitas obras nos murais, poderiam ser explicadas pelo fato de que, no momento em que escrevia as *Memórias*, Vasconcelos parecia não mais acreditar na possibilidade da arte como “redenção” dos “de baixo”? Ou pelo fato de a arte dos muralistas ter se encaminhado por rumos “não desejados”? Talvez um pouco de cada uma dessas hipóteses, mas também gostaríamos de incluir o fato de que, naquele momento, as relações de José Vasconcelos com os principais nomes do muralismo já se encontrava há muito tempo abalada.

---

que os alunos desenvolvessem sua criatividade.

<sup>12</sup> De Anda Alanís afirma que o nacionalismo na arquitetura e na pintura muralista não nasceu nem morreu durante o Obregonismo, mas, sem dúvida, adquiriu vigor como parte da teoria geral do novo país em revolução, que tinham os governantes a partir de Álvaro Obregón.

<sup>13</sup> Embora aquele movimento tenha se concentrado, cada vez mais, nas mãos dos “Três Grandes”, David Alfaro Siqueiros, Diego Rivera - que voltaram da Europa para participar do projeto - e José Clemente Orozco, Vasconcelos entregou as paredes de prédios públicos a outros artistas como Xavier Guerrero, Roberto Montenegro, Adolfo Best Maugard e Carlos Mérida. Jovens artistas como Jean Charlot, Fermín Revueltas, Ramón Alva de la Canal, Emílio García Cahero e Fernando Leal. Sobre as fases, nomes e temáticas do Muralismo no México, VER: ADES, Dawn. *A arte na América Latina: A era moderna: 1820-1980. Op. Cit.*, pags. 151- 180.

Quando se investiga o papel de Vasconcelos na educação e cultura do México daquele período, não há dúvidas quanto ao seu protagonismo. Os desafios foram grandes, passando pela luta em defesa da federalização do ensino, ausência de recursos materiais e humanos, a existência de uma maioria considerável da população excluída do mundo letrado. Em seu trabalho sobre a atuação de Vasconcelos como Ministro da Educação Pública no México, Claude Fell (FELL, 1989) afirma que, quando se comparam friamente os resultados reais, presentes nos Boletins da SEP e o que Vasconcelos descreveu nas *Memórias*, fica evidente que o personagem-narrador superdimensionou seus resultados e é compreensível que Vasconcelos assim o tenha feito, pois sabemos que seus escritos buscavam a construção e a reafirmação de uma imagem positiva. Este autor também ressalta - e concordamos com sua avaliação - que embora os avanços na alfabetização possam se mostrar aparentemente modestos, não foram, de forma nenhuma, desprezíveis, visto que, frente às dificuldades daquele momento, havia “quase tudo por fazer.”(FELL,1989: 47). Fell sublinha também que, em linhas gerais, a reafirmação do caráter “gratuito, laico e obrigatório” do ensino primário, constante do projeto colocado em prática por Vasconcelos, não diferia grandemente da proposta iniciada por Justo Sierra, ainda durante o porfiriato. Entretanto, lembra que, embora os resultados concretos e duráveis do projeto tenham ficado aquém do desejado, não há dúvida de que, naquilo que se refere ao consumo cultural, ele foi “revolucionário” ou, no mínimo, inovador. Especialmente, por incorporar no texto do programa a existência de um “tempo livre” para os setores populares terem oportunidade de contato com as artes.

Mesmo antes de encerrar as descrições de suas lembranças dos anos como Ministro, Vasconcelos rompeu o ritmo cronológico da narrativa e reforçou uma ideia que apareceria até 1959, em seu último tomo memorialístico: o quanto os mexicanos tinham perdido ao abrirem mão de não apoiarem a possibilidade da vitória da “civilização” sobre a “barbárie”. Encerrou o terceiro tomo, *El desastre*, lembrando sua candidatura e posterior derrota ao governo de Oaxaca, seu estado natal, em 1924, mas foi em *El Proconsulado* que concentrou a carga maior de emoção na busca pela continuidade de sua “obra civilizadora”, recordando, com pesar, os seus esforços, esperanças e desilusões, quando imaginou ser possível “civilizar” o México, estabelecendo um “governo ilustrado”.

## De herói civilizador a profeta rejeitado

*O justo não encontra onde descansar a cabeça; mas também o malvado se agita. Só que em estéril agitação (...). Já que é enganoso todo descanso, é melhor decidir-se pela luta nobre, à maneira do arcanjo que leva na mão a espada de fogo e no coração, a justiça; na mente, a luz (...). Proclamar a verdade aos que apóiam sua dominação na mentira é função do profeta. Mais gloriosa ainda que a do herói! Maldito o que busca agradar ao malvado em vez de denunciá-lo! Feliz quem vê afundar a sua embarcação em mares de traição, covardia e não desiste de condenar a injustiça, o erro e o engano!*

(José Vasconcelos. Prefácio de *El desastre*)

Não há dúvidas de que a imagem que perpassa todos os volumes da obra memorialística de José Vasconcelos seja a do “profeta rejeitado”, embora nossa análise tenha se encaminhado no sentido de interpretar a construção das imagens criadas pelo autobiógrafo, considerando a passagem da figura de um “herói civilizador” para um “herói derrotado” e, finalmente, chegando à imagem do “profeta”, que, apesar de estar anunciando a “verdade” e a “justiça”(LT: 455), era incompreendido por sua gente.

O conjunto da obra memorialística de Vasconcelos compõe um quadro de imagens que apontam para uma “derrota injusta”, (LF: 16) ao ressaltar sua tentativa heróica, porém frustrada de “regenerar a nação” por meio da educação e cultura (VASCONCELOS, 1926: 20), mas fica claro que o fato que estava por trás de suas lembranças ressentidas era a derrota sofrida na campanha à cadeira presidencial, em 1929- fato que Vasconcelos jamais encarou como tal e, sim como uma fraude imposta por parte do “partido usurpador”. Este acontecimento ressoou fortemente em sua autobiografia, marcada pelo tom do ressentimento. O memorialista apresenta-se como um “derrotado”, nas empreitadas mais importantes e louváveis em que se envolvera. Pronuncia-se como “profeta”, ser especial, com qualidades e valores acima do comum e escolhido, exatamente por sua condição de superioridade moral, para “narrar a iniquidade como forma de combatê-la”. Vasconcelos escolheu o profeta bíblico Jó<sup>14</sup> como a figura que melhor representava o sentimento que dominava suas emoções, já

---

<sup>14</sup> De acordo com a narrativa bíblica, o profeta Jó, apesar de ser um homem íntegro e fiel, passara por uma prova de grande sofrimento por conta de uma controvérsia entre Deus e o diabo. Perdeu bens, foi acometido por graves doenças, abandonado pela família e amigos, sendo preservada apenas a sua vida. Apesar do drama pessoal, Jó permaneceu fiel ao lado do bem, procurando apenas entender os desígnios de Deus para sua vida. Em *La Flama*, Vasconcelos recupera a imagem de Jó, associando-a à sua.

que, como este, apesar de nada ter feito para merecer, enfrentou a traição, o abandono por parte dos que o amavam e a injustiça, por parte de seus adversários (EP: 602).

Ao optar pelo recurso da escrita autobiográfica, Vasconcelos via tal instrumento como a possibilidade mais eficiente para “proclamar a verdade” e, como vimos, apresentou a figura do “profeta” numa posição mais relevante que a do “herói”, visto que o primeiro representava aquele que tinha coragem para levantar a voz e denunciar o erro, num ambiente caracterizado pelo mesmo.

Em relação às descrições das lembranças de Vasconcelos, fica claro que lhe causava muita dor remexer o passado e lidar com as mesmas.<sup>15</sup> Além da dificuldade de se libertar das lembranças traumáticas de seus ressentimentos, Vasconcelos demonstrou preocupação em responder àqueles que acusavam seus ataques aos políticos no poder e a condenação aos mexicanos como discurso de um ressentido ou invejoso. Apresentou-se como um injustiçado, por não ver resultados em seu sacrifício à pátria amada, que estava entregue nas mãos de “rufiões”. Segundo ele, restava-lhe deixar o registro das motivações que o moviam.

Como já explicitamos, Vasconcelos apresentou sua gestão ministerial como a possibilidade concreta de realização de um “bom governo”. Também é importante sublinhar que, desde a campanha presidencial de 1929, o PNR havia explorado sua imagem, apresentando-o como um “reacionário”. Dessa forma, preocupado em construir ou corrigir aquilo que entendia não ser positivo para a cristalização de sua memória, utilizou seus escritos autobiográficos para acirrar a “guerra de memória”, revisando as versões apresentadas por seus adversários e provocando seus leitores a reavaliarem o estigma que lhe haviam imputado.

---

<sup>15</sup> Ao longo da pesquisa, tomamos contato com algumas construções autobiográficas em que seus autores/narradores usaram essa prática cultural, encarando-a como instrumento eficaz para lidar com alguns acontecimentos que tomaram valor traumático e incontrolável. Destacamos as autobiografias de Ruth Klüger, sobrevivente do holocausto, e a do filósofo Louis Althusser, que usou a escrita após assassinar a esposa, em 1980, fruto de um surto psicótico e ser absolvido com o benefício de “impronúncia”; ou seja, o acusado não poderia ser responsabilizado por entenderem que o praticara num ato de alienação. Em ambos os casos, bem como no caso de Vasconcelos, o acontecimento específico à trajetória de cada um dos casos manifestou-se de força tão poderosa que se tornaram “muros” intransponíveis, impedindo a fruição do presente. Escrever seria para superar ou lidar com as lembranças que não os abandonavam, fazendo da escrita um instrumento quase “terapêutico” para responder aos outros e a si mesmo.

Ao longo dos quatro primeiros volumes, Vasconcelos amalgamou fatos de sua trajetória política à história nacional mexicana, entre os anos de 1910 e 1935, procurando construir uma interpretação que não poupou adjetivos pejorativos para descrever os eventos e principais nomes da política, buscando desqualificá-los.

Sobre as principais figuras políticas ligadas ao movimento e ao “Partido Revolucionário”, Vasconcelos os representou como “desqualificados de honra nacional” (LT: 512, 552, 612 entre outros). Imputou pesadas críticas aos generais e sindicalistas “enriquecidos da Revolução”, descrevendo de forma irônica, situações que desafiavam o leitor a questionar o “critério revolucionário”, praticado pelos que ocupavam o poder, em oposição ao que afirmara ter praticado em sua gestão.<sup>16</sup> Pediu, insistentemente, que seus leitores julgassem quem poderia, de fato, ser considerado “construtor” e “patriota” ou, em última instância, “revolucionário”.

Ciente de que o “eu” é constituído por meio da definição do “outro”, Vasconcelos procurou construir uma memória, evidenciando valores que acreditava, o diferenciavam dos políticos que ocuparam o poder a partir de Madero (LF: 12).<sup>17</sup> Os líderes camponeses Pancho Villa e Emiliano Zapata foram apresentados como a imagem da lenda negra: analfabetos e saqueadores, caracterizados pela ferocidade e desonra. Carranza, como um “tipo macabro”, de “antecedentes vacilantes”, “inteligência curta”, corrupto, “*caudillo* iletrado” e “incompetente”. Mesmo Álvaro Obregón, de quem foi Ministro, não escapou dos ataques de Vasconcelos, chamando-o de “traidor e dissimulado”.<sup>18</sup> Quanto a Calles, alvo maior de seus ataques, descreveu-o como um político de “antecedentes ignorados”, “tipo macabro”. Em suma, de forma geral, nas representações construídas por Vasconcelos, com exceção de Madero, os demais políticos que assumiram o poder após a Revolução foram descritos como inaptos, corruptos e personalistas. A tese da “Revolução corrompida”, “degenerada em

---

<sup>16</sup> Em vários trechos das *Memórias*, Vasconcelos acusou os governos pós-revolucionários de praticarem confiscos arbitrários que beneficiavam apenas amigos e generais favoritos. Segundo ele, os critérios praticados eram o “favoritismo e mandonismo”.

<sup>17</sup> Em muitos momentos, fica ao leitor a dúvida se de fato, ao destacar virtudes em Madero, Vasconcelos estava falando do líder revolucionário ou projetava para si mesmo tais virtudes. Em sua argumentação, “a queda de Madero determinou o sacrifício dos melhores”.

<sup>18</sup> Em *El Desastre*, Vasconcelos recorda situações em que coloca Obregón como um traidor por ter preferido nomear Calles como seu sucessor para o mandato de 1924-1928 em detrimento do seu nome.

caudilhagem”, “defraudada”, marcada pela “desordem”, “caos e barbárie” foi uma constante nas *Memórias*. Seus posicionamentos terminaram se caracterizando por uma interpretação maniqueísta, contrapondo, de forma simplificadora: “civilização e barbárie”, “leais e traidores”, “patriotas e corruptos”, “trogloditas e idealistas”, entre outras oposições.

Diante do quadro apresentado nas *Memórias*, ou seja, tantos valores positivos de sua parte e tanta incapacidade por parte das demais figuras políticas citadas, há que se imaginar o quanto Vasconcelos se sentia ressentido com todos os que acreditava terem se beneficiado durante sua gestão como Ministro e que, ora, em sua visão e revisão de memória, o ignoravam, o esqueciam e o rejeitavam. Ao recordar e escrever sobre tudo que entendia ter feito pela cultura e educação no México, uma mágoa duradoura ficou evidente em suas páginas. Fazendo referência àqueles que condenavam os “gastos dispendiosos” de sua administração, com a tradução e distribuição dos clássicos da literatura, atacou o fato de viver num país onde os recursos para a guerra eram consideravelmente mais vultosos do que os destinados à educação (ED: 66).

Enquanto construía suas imagens de administrador eficaz e civilizador, Vasconcelos quebrava constantemente o ritmo da narrativa, misturando lembranças de ações praticadas com questões do presente, demonstrando seus ressentimentos. Afirmava que o envolvimento obtido por meio de setores amplos da sociedade mexicana não lhe permitiu, na época, imaginar que seria tão efêmero o seu esforço. Em sua luta para não cair no esquecimento, por parte dos mexicanos, escreveu que toda a sua obra havia sido abandonada com sua saída da Secretaria de Educação Pública, já que “não souberam valorizar a sua obra iniciada” (FELL, 1989:147.<sup>19</sup>

Num ato de provocação, escreveu que se arrependia por não ter “favorecido”, enquanto esteve a frente da SEP, alguns que muito necessitavam, visto que os “revolucionários” praticavam inúmeras ingerências políticas e continuavam no poder, enquanto ele sofria todas as injustiças( ED, 167). Reconhecendo que o momento

---

<sup>19</sup> Ainda que ciente de que o discurso presente na construção autobiográfica de Vasconcelos tivesse o objetivo de formar um imaginário na memória coletiva de seus leitores, afirmando que seus sucessores haviam desprezado todo o projeto iniciado em sua gestão, cremos ser necessário ressaltar que muito do proposto foi aproveitado e colocado em prática por Puig Casauranc, Moisés Sáenz, Narciso Bassols e Jaime Torres Bodet. Segundo Claude Fell, as Missões Culturais, por exemplo, tiveram um êxito considerável durante o Governo de Calles, sob a direção do Secretário J. Maria Puig Casauranc.

político lhe era desfavorável, afirmou, também, que lhe entristecia o fato de se sentir esquecido por muitos que ele havia beneficiado.

A partir de *El Desastre*, mas especialmente nos dois últimos volumes, *El Proconsulado* e *La flama*, Vasconcelos assume a imagem do profeta, dando o tom aos seus escritos de uma memória delirante: “Soltaste, Senhor, minha língua em irado clamor de redenção. Antes que eu, profetas teus, mais dignos, falharam também no empenho de restaurar a justiça” (LF: 486).

Durante os dez longos anos de exílio, o autobiógrafo foi, inúmeras vezes, convidado por amigos a retornar ao México, formar um partido de oposição ou mesmo, participar do governo, mas Vasconcelos sempre se negou a fazê-lo. Em seus escritos, restringiu-se a justificar sua recusa, afirmando que aceitar tal empreitada seria o mesmo que compactuar com os erros de uma “farsa democrática”. Negava-se a superar o agravo feito pelo povo mexicano e por seus correligionários, que, para ele, não passavam de fracos e traidores, pois tendo prometido votar e apoiá-lo com uma reação armada, caso se confirmasse a intenção de fraude, haviam se acovardado no momento da usurpação (LF: 125-128, 196-197, 218-224).<sup>20</sup>

Contraditoriamente, ao tomar posições políticas tão intransigentes, chegando a incentivar a violência, Vasconcelos produziu reações completamente adversas ao que havia buscado cristalizar. De Quetzalcóatl - predicador da paz - acusavam-no de ter invertido a posição e assumindo o papel de Huitzilopochtli - o deus da guerra - ao pregar matanças, em nome da justiça e da lealdade. Provavelmente, essa acusação, feita na imprensa da época, lhe causou contrariedades, mas a mágoa duradoura que alimentava era tão forte que se limitou a justificar seu ato:

*(...) Por isso haviam perdido os astecas. Não haviam sabido lutar para defender Quetzalcóatl, como homens livres e, em troca, haviam se condenado à guerra perpétua e à discórdia sem fim, pois não é sobre bases criminosas que se levanta o edifício da prosperidade e a felicidade das nações.*

---

<sup>20</sup> Procurando homenagear a coragem demonstrada por parte daqueles que sacrificaram a vida, em nome da “justiça e da verdade”, Vasconcelos deu categoria de “mártires” aos que morreram lutando pela “pela religião e por liberdade política”. O leitor é constantemente confundido pelo memorialista. Vasconcelos inverte os papéis, levando o leitor a se interrogar se ele de fato estaria falando dos nomes citados ou de si mesmo.

Até o fim de sua vida, alimentou amarguras profundas em relação ao povo mexicano. Segundo ele, sua dor devia-se ao fato de sentir que sacrificara o tempo de convívio com os filhos, abrira mão de uma carreira promissora como advogado e, ainda assim, não tivera o reconhecimento. A marca mais perceptível de sua interpretação era de que o México se aproximava de uma “pátria doente”. Colocando-se como um profeta rejeitado, perguntou, em tom de condenação àqueles que não aceitavam a sua verdade: “Para que falar de saúde aos incuráveis?” (EP: 720-726) <sup>21</sup>. Também como profeta lançou sua condenação aos mexicanos: “Ai dos povos que dão as costas a seus profetas!” (ED: 376).

Os relatos memorialísticos de Vasconcelos nos permitem afirmar que a política representou muito mais para aquele intelectual do que aquilo que conseguiu assumir. Por significar tanto, possivelmente, resultou em tantos ressentimentos. Embora tenha insistido em afirmar ter praticado, ao longo da vida, o ensinamento de sua mãe, que lhe aconselhara apegar-se somente ao que seria de fato duradouro, o “Absoluto”, Vasconcelos mostrou-se com a “alma dividida”. Ao concluir o trabalho, restou-nos a certeza de que essa foi a forma que encontrou para permanecer dentro do jogo político. Não tendo acesso ao poder, continuou a fazer política e “justiça”, usando outro instrumento como arma de combate pela construção ou reafirmação de uma identidade que acreditava ser significativa. A escrita foi o recurso que imaginou eficaz, tanto para continuar denunciando, como para fazer de sua memória um monumento e se manter para a posteridade.

### **Bibliografia**

ALTHUSSER, Louis. *O futuro dura muito tempo. Os fatos: autobiografias*. Tradução R F D’aguilar. SP: Companhia das Letras, 1992.

ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res) sentimento: indagação sobre a questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CRESPO, Regina Aída. *Itinerarios Intelectuales: Monteiro Lobato, José Vasconcelos y sus proyectos para la nación*. México: Universidade Nacional Autónoma de México. Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos. (Serie Nuestra América 61), 2004

DE ANDA ALANÍS, Enrique X.. *La arquitectura de la Revolución mexicana*. México, UNAM, 1990.

---

<sup>21</sup>A analogia aparece em outros volumes.

\_\_\_\_\_ “Tradición y nacionalismo como alternativas de identidad en la arquitectura moderna mexicana”. IN: *Arquitectura neocolonial. América Latina, Caribe, Estados Unidos*. AMARAL, Aracy (Coord.). México, FCE, 1994.

FELL, Claude. *José Vasconcelos: Los años del águila: 1920-1925. Educación, cultura e iberoamericanismo en el México postrevolucionario*. México: UNAM, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. “O historiador e os encantos dos arquivos privados”. In: *Estudos Históricos*, nº 21, 1998.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004,

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória. Autobiografia de uma sobrevivente do holocausto*. Tradução de Irene Aron. Editora 34, 2005.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2ª edição Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

VASCONCELOS, José. *Memórias I. Ulises Criollo, La Tormenta*. 1ª reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

VASCONCELOS, José. *Memórias II. El desastre, El proconsulado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1ª reimpressão, 1984.

VASCONCELOS, José. *Indologia, Una interpretación de la cultura iberoamericana*. Barcelona: Agencia Mundial de Librería, 1926.